

A ALTERIDADE NA E DA ESCRITA DE BRIAN MOORE

Profa. Ms. Patrícia Lane Gonçalves da Cruz¹

Resumo

*Em sua obra *The Luck of Ginger Coffey* Brian Moore trata da adaptação dos Coffey à Montreal dos anos cinquenta. O irlandês Ginger Coffey é considerado o Outro, sendo alvo de diferentes grupos étnicos. O estrangeiro se configura na forma como o personagem é representado e as marcas da diferença dão origem a várias reações negativas. Numa sociedade em que a diversidade cultural predomina, Ginger precisa encontrar formas de convivência e negociação de sua alteridade para se estabelecer como cidadão participante daquele meio. No entanto, Brian Moore, que nasceu em Belfast em 1921 e emigrou para o Canadá em 1948, não confina sua escrita à questão da alteridade e sua obra é um reflexo desse pensamento. Moore foge ao estereótipo do escritor imigrante que considera um ato político essencial realçar a alteridade em sua escrita. Ele diversifica temas e gêneros, constituindo-se num escritor internacional.*

Palavras-chave: Brian Moore, alteridade, literatura irlandesa-canadense.

Alteridade é um tema que poderia ser considerado como transversal, uma vez que se infiltra em diversos tópicos e gêneros. Nem sempre se apresenta em primeiro plano e, às vezes, para percebê-lo é preciso ler nas entrelinhas das reações de personagens e permanecer a certa distância para bem observar suas atitudes. É o que acontece no romance de Brian Moore, *The Luck of Ginger Coffey*, no qual a questão da alteridade é percebida como pano de fundo. O autor não confina o romance à questão da alteridade, mas sua presença é inquestionável. Considerando-se a origem irlandesa de Moore, que adquiriu cidadania canadense e morou nos Estados Unidos por mais de dez anos, poder-se-ia esperar que sua escrita se pautasse pela questão da alteridade, afinal, alguns escritores imigrantes no Canadá consideram um ato político indispensável realçar a alteridade em sua escrita. No entanto, Moore não se adapta ao estereótipo do escritor imigrante que somente versa sobre sua condição de pertencimento/não-pertencimento. Em sua obra, ele diversifica temas e gêneros, constituindo-se num escritor internacional. Neste artigo, considero a alteridade na escrita de Brian Moore, através de sua obra *The Luck of Ginger Coffey*, e a alteridade de sua escrita.

A experiência de imigração proporciona ao imigrante, não poucas vezes, a incômoda condição de ser considerado o Outro. Essa condição deriva de um processo complexo, que envolve relações de poder, e está baseada em qualquer aspecto considerado inferior: país de origem, classe social, raça ou padrões de comportamento, entre outros. A marca da diferença se encontra na base do processo, que tem como consequência a marginalização do indivíduo. Stuart Hall argumenta que as práticas da representação produzidas pelos grandes centros metropolitanos podem constituir indivíduos marginalizados através de sua alteridade. A prática conduz a idéia de que o que é diferente deve ser considerado como inferior. Hall declara: “a diferença significa. Ela fala” (HALL, 2003, p.230, tradução nossa). Ao exercer o poder, a cultura hegemônica se impõe a outros grupos culturais, que são marginalizados em sua alteridade. Essa condição pode ser claramente atestada em relação a imigrantes.

É o que se constata no terceiro romance de Brian Moore. O personagem principal, Ginger Coffey, é um irlandês que chega a Montreal em 1955, trazendo sua esposa e filha. Em sua bagagem, muitos sonhos e expectativas, que vão se desfazendo um a um. Desvanecido o sonho de ser seu próprio patrão, Coffey sai à procura de um emprego e se depara com diversas formas de

discriminação baseadas em seu país de origem: a Irlanda. O que o faz diferente – sua aparência, comportamento, linguagem – é realçado e causa várias reações. Ele é freqüentemente considerado o Outro por personagens de vários grupos étnicos, como sua senhoria, a canadense falante de francês Madame Beaulieu, que informa a Ginger que ela se arrepende de não ter escutado os avisos do marido, que a prevenira em relação a essas pessoas que vinham do outro lado do mundo, sem referências. Saliento que, assim como os irlandeses eram considerados o Outro no Quebec francês, os franceses também o eram no Canadá inglês. A relação dos grupos étnicos no Canadá não pode ser simplificada, como explica o estudioso Wsevelod Isajiw em sua obra *Understanding Diversity: Ethnicity and Race in the Canadian Context* (1999). Na procura de um trabalho, Ginger se depara com o escriturário da Comissão de Seguro-Desemprego que, nascido na Irlanda, se considera canadense. Estabelecido no sistema econômico ocidental, ele não se identifica com Ginger, a não ser pelas péssimas piadas. Ao perguntar se Ginger poderia lecionar, o escriturário acrescenta: “Nós precisamos muito de professores aqui no Canadá” (MOORE, 1988, p.8, tradução nossa). A utilização da primeira pessoa do plural confirmada pela expressão “aqui no Canadá” demonstra a identificação de Mr. Donnelly com o país do Novo Mundo, e não com a Irlanda. Sua alteridade é restrita às piadas. Continuando sua saga em busca de um emprego, Ginger é entrevistado por Georges Beauchemin, Diretor de Relações Públicas da empresa Canada Nickel, que desdenha o desfile do Dia de São Patrício, a maior manifestação popular dos imigrantes irlandeses no Canadá, dizendo: “Irlandês demais por aqui, sabe?” (MOORE, 1988, p.24, tradução nossa). Beauchemin decide que Ginger é um João-ninguém entre tantos irlandeses em Montreal e o dispensa. O coroamento da marginalização do personagem principal se dá quando o judeu H. E. Kahn, após descobrir que Ginger é irlandês, amassa seu currículo e o joga, através de uma parábola no ar, dentro da lixeira. Apesar das situações apontarem para uma clara marginalização do personagem principal em relação ao seu país de origem, Ginger não demonstra ter consciência do que lhe sucede nesse nível; tampouco o narrador, que atua muito próximo a Ginger, dentro da estrutura de Discurso Indireto Livre. Assim, afirmo que a questão da alteridade se apresenta como pano de fundo da narrativa; a representação das marcas da diferença do personagem principal aponta na direção da alteridade, tendo como referência seu local de origem. Numa sociedade em que a diversidade cultural predomina, Ginger precisa encontrar formas de convivência e negociação de sua alteridade para se estabelecer como cidadão participante daquele meio.

Em uma perspectiva mais abrangente, a questão da alteridade alcança o autor e se reflete em toda a sua obra, não tornando essa, porém, refém daquela. Brian Moore nasceu na Irlanda do Norte em 1921 e emigrou com 27 anos para o Canadá, de onde se tornou cidadão. Apesar de ter vivido a maior parte de sua vida nos Estados Unidos, Moore nunca se desfez de sua cidadania canadense, pois foi no Canadá que ele se tornou escritor. Ele escreveu 19 obras de ficção e um documentário, além de vários roteiros para filmes, incluindo *Cortina Rasgada* (*Torn Curtain*) dirigido por Alfred Hitchcock. Sua condição de imigrante se reflete mais apropriadamente em duas obras: *The Luck of Ginger Coffey* (já mencionada) e a seguinte, *An Answer from Limbo*, sobre um escritor irlandês morador de Nova York que, com o objetivo de se dedicar exclusivamente à escrita de um romance, traz sua mãe para viver com ele e sua família, na função de babá. A questão da alteridade relacionada ao país de origem do autor é mais clara nesses dois romances, mas não se torna um tema obrigatório em outras obras. Devido à diversidade de temas e gêneros que Moore desenvolve, não é possível classificá-lo em categorias estanques, como já dizia Hallvard Dahlie, crítico da obra de Moore. Dahlie afirma que Moore havia sido classificado de várias formas: autor realista, naturalista, existencialista, cômico, escritor de exílio, católico, anti-católico (DAHLIE, 1981, p.14, tradução nossa). Sua biógrafa comenta que parecia um pouco irônico que na obra *Fergus* Moore havia sido acusado de ser muito “fantástico” e, em sua obra seguinte, muito “documental” (CRAIG, 2004, p.209, tradução nossa). O próprio Brian Moore não gostava da perspectiva de ser enquadrado em qualquer tipo de categoria. Dessa forma, sua alteridade advinda do fato de ser imigrante não tem projeção em sua obra como um todo; sua escrita não apresenta um engajamento político nesse

sentido. Essa posição tem adeptos, mas não representa uma regra. Diversas perspectivas são apresentadas por Linda Hutcheon e Marion Richmond no livro *Other Solitudes: Canadian Multicultural Fictions* (1990), através de entrevistas com os autores dos textos da antologia. Para Himani Bannerji, por exemplo, o pessoal e o político são indissociáveis para aqueles cuja alteridade é apontada pelo grupo hegemônico e sua escrita reflete a sua condição de pertencimento a duas sociedades – indiana e canadense (HUTCHEON, 1990, p.150). Joy Kogawa (japonesa-canadense) acredita que sua alteridade se imiscuiu em sua escrita e se tornou parte dela (p.95). Katherine Vlassie não queria incluir seu background grego em sua escrita; no entanto, ele vai se impondo através de seus personagens até que ela se rende (p.115). Numa posição mais próxima a Brian Moore, Mordecai Richer (judeu-canadense) não é favorável a uma escrita engajada à etnicidade (p.42), embora ele seja reconhecidamente o “escritor judeu de Montreal” nas palavras de Katherine Vlassie (p.119); e Michael Ondaatje é tão firme quanto Moore ao afirmar que gosta de ser escritor devido à liberdade que lhe é concedida: ele pode escrever sobre o que quiser (p.202), o que nos lembra Salman Rushdie ao afirmar que a imaginação trabalha melhor quando ela é mais livre (RUSHDIE, 1991, p.20, tradução nossa).

Nesse sentido, a obra de Brian Moore é bem rica. Em seus dezenove romances, ele aborda temas tão diversos como a sociedade retrógrada de Belfast e sua intolerância religiosa, infidelidade conjugal, os meandros da crença de uma comunidade de monges na costa da Irlanda, sedução no local de trabalho, busca aventureira genealógica envolvendo um poeta do século XIX, relações entre uma visão de uma santa e os fatos que a sucedem, missionários do séc. XVII no Quebec, terrorismo, proteção de um criminoso de guerra nazista e outros mais. Em relação ao gênero, Moore deixou vários romances, um documentário baseado no seqüestro do membro inglês da Comissão para o Comércio em Montreal, e roteiros de filmes, além de ter trabalhado como produtor executivo de um filme baseado em uma de suas novelas. O fato de ter nascido na Irlanda do Norte não se torna o fio condutor de sua obra. Sua nacionalidade, inclusive, é desconhecida para muitos. Em uma livraria em Dublin, perguntou se havia algum livro do escritor irlandês, Brian Moore. O atendente lhe informou que não havia nenhum, mas ele poderia lhe indicar alguns romances do escritor canadense de mesmo nome (CRAIG, 2004, p.2). Uma vez que sua carreira se iniciara no Canadá, tendo continuidade nos Estados Unidos, sua projeção imediata se dera na América do Norte. A própria Irlanda demorou um pouco a reconhecê-lo, mas o fez: ele recebeu o título de Doutor em Literatura pela *Queen's University* em Belfast, em 1987, e uma homenagem da *National University of Ireland* em 1991. Além disso, Seamus Heaney, que receberia o Prêmio Nobel de Literatura em 1995, já incluía os escritos de Moore em suas aulas no final dos anos 60 (CRAIG, 2004, p.214). Para Moore, era divertido perceber que seus compatriotas se interessavam pela obra de um irlandês que havia optado por uma cidadania estrangeira e não se preocupava em realçar seus atributos étnicos. Sua escrita ultrapassa a questão da alteridade.

Embora Brian Moore não tenha tratado da questão da alteridade de forma ostensiva em sua obra, podemos perceber a presença da mesma em *The Luck of Ginger Coffey*. A alteridade, apesar de não ser o fio condutor da narrativa, surge como um veio transversal que se encontra presente, mas não impositivamente. O que torna a leitura instigante é a percepção do que é dito veladamente, indiretamente, acusando um modo de ser irlandês não totalmente aceito na Montreal fictícia. Assim, Brian Moore aborda a questão da alteridade, mas não permite que ela determine o tom de sua obra como um todo. É ele o dono de sua escrita.

Referências Bibliográficas

- CRAIG, Patricia. *Brian Moore: A Biography*. London: Bloomsbury: 2004.
- DAHLIE, Hallvard. *Brian Moore*. Twayne's World Authors Ser. 632. Boston: Twayne, 1981.
- HALL, Stuart. *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. London: Sage, 2003.
- HUTCHEON, Linda, and Marion Richmond, eds. *Other Solitudes: Canadian Multicultural Fictions*. Toronto: Oxford UP, 1990.
- MOORE, Brian. *The Luck of Ginger Coffey*. 1960. Toronto: McClelland & Stewart, 1988.
- RUSHDIE, Salman. *Imaginary Homelands: Essays and Criticism 1981-1991*. London: Granta, 1991.

¹ **Patricia CRUZ, Profa. Ms.**

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
plgcruz@gmail.com